

Entrevista e Intervenção sobre Gênero e Sexualidade

Luiz Gustavo da Silva Maria ¹

Mateus Moraes Bayer ²

Eliziane da Silva D'Ávila ³

RESUMO

O trabalho desenvolvido por dois alunos do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do campus São Vicente do Sul, e teve como objetivo promover uma intervenção educativa sobre gênero, sexualidade e feminismo com os alunos do ensino fundamental. Devido a um acidente de moto sofrido por um dos membros, o mesmo foi o único responsável pela regência da turma durante a intervenção. A atividade foi planejada tendo como base as resposta de um questionário feito a um professor de biologia da rede publica de ensino fundamental, tal atividade teve como intuito explorar a diversidade sexual e de gênero por meio da dinâmica "Passa ou Repassa", proporcionando um ambiente seguro para o diálogo e a reflexão sobre esses temas sensíveis. A metodologia adotada incluiu dinâmicas de grupo, palestras expositivas, debates e atividades práticas, com o intuito de desconstruir estereótipos e promover o respeito à diversidade. O referencial teórico-metodológico utilizado baseou-se nas diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e no Referencial Curricular Gaúcho, além de considerar os desafios atuais na abordagem desses temas nas escolas. A intervenção proporcionou aos alunos a oportunidade de refletir e conhecer sobre identidade de gênero e sexualidade de maneira criativa, estimulando o pensamento crítico e a conscientização sobre a importância da igualdade e do respeito mútuo. Embora a intervenção tenha sido realizada por um único aluno devido ao imprevisto, o impacto positivo nas discussões e na abordagem dos temas demonstrou a relevância da proposta e a necessidade de mais atividades como essa no ambiente escolar, tal abordagem participativa e interativa foi bem-sucedida em captar a atenção da turma, além disso, as dinâmicas ajudaram a consolidar os conceitos e tornaram o aprendizado mais leve e envolvente, e ainda se mantendo atrativo para todos.

Palavras-chave: Gênero, Sexualidade, Feminismo, Diversidade, Educação.

INTRODUÇÃO

A discussão sobre gênero, sexualidade e feminismo no ambiente escolar é um tema de crescente relevância, impulsionado por mudanças sociais e a necessidade de promover um ambiente educacional mais inclusivo e respeitoso. A escola desempenha um papel fundamental na construção do pensamento crítico dos estudantes, oferecendo espaço para reflexões sobre temas que impactam diretamente a formação cidadã.

Neste contexto, este trabalho busca analisar como essas temáticas são abordadas nas escolas públicas do Ensino Fundamental - Anos Finais, considerando os desafios e as possibilidades

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em ciências biológicas no IFFarroupilha campus SVS - gustavocontatosince2020@gmail.com

² Graduando do Curso de Licenciatura em ciências biológicas no IFFarroupilha campus SVS - mateus.bayer.moraes@gmail.com

³ Professora do Curso de Licenciatura em ciências biológicas no IFFarroupilha campus SVS - eliziane.davila@iffarroupilha.edu.br



encontradas pelos docentes. A pesquisa foi desenvolvida no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha (IFFar) - Campus São Vicente do Sul, no âmbito da Prática enquanto Componente Curricular III (PECC III), sob orientação de docentes.

Para isso, foi realizada uma entrevista com um professor de Ciências de uma escola pública, a fim de compreender suas percepções e experiências no trato dessas questões em sala de aula. Além disso, desenvolvemos uma proposta de intervenção didática para auxiliar os professores na abordagem desses temas de forma mais acessível e envolvente para os alunos.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Referencial Curricular Gaúcho (RCG) apresentam desafios no que tange à inserção dessas temáticas no contexto educacional, dado que sua abordagem ainda é limitada e, muitas vezes, relegada a áreas específicas do conhecimento, como Ciências Humanas e Linguagens. Este estudo busca discutir formas de superar essas limitações e incentivar práticas pedagógicas mais inclusivas e transformadoras.

METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado no primeiro semestre de 2024, na disciplina de Prática enquanto Componente Curricular III de Licenciatura em ciências biológicas sob orientação da professora Eliziane da Silva Dávila. Foi pedido aos acadêmicos para escolherem uma escola pública que atenda o ensino fundamental - anos finais e fosse realizada uma entrevista com o(a) docente da disciplina de ciências sobre questões de gênero, sexualidade e feminismo. Nós escolhemos realizar o trabalho no Colégio Nossa Senhora das Graças (COEDUC). Inicialmente, conversamos com a gestão da escola para apresentarmos nosso trabalho e termos a sua autorização para desenvolvê-lo. Após, foi combinado com o(a) docente da disciplina de Ciências a data que seria realizada a entrevista, a qual ocorreu no dia 11 de julho de 2024. Foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) ao docente e após ter sido lido e assinado, foi feita a entrevista.

Foram realizadas as seguintes questões:

Conhecendo a(o) docente:

- 1- Qual a sua formação inicial? Qual o ano da sua formação?
 - 2- Possui alguma especialização/pós? Se sim, em qual área?
 - 3- Qual a sua idade?
 - 4- Você se identifica com alguma religião?
 - 5- Há quanto tempo atua como docente?(desde o primeiro lugar que trabalhou como docente)
 - 6- Qual gênero você se identifica?
- Sobre a temática:
- 1- Você já desenvolveu algum trabalho relacionado aos temas sexualidade, questões de gênero e feminismo? Se sim, pode nos contar o que foi feito e com qual ano escolar?
 - 2- Você acredita que seja importante desenvolver estes assuntos (sexualidade, questões de gênero e feminismo) na escola? Por quê?
 - 3- Para você existem problemas/dificuldades para trabalhar estas temáticas (sexualidade, questões de gênero e feminismo) na escola? Você já enfrentou algum problema?
 - 4- Já houve caso dos alunos pedirem para estes assuntos serem abordados em aula? Pode nos relatar como foi?



- 5- Para você, quais estratégias pedagógicas podem ser adotadas para promover a reflexão sobre questões de gênero e feminismo no contexto escolar?
- 6- A partir da adoção da BNCC e do Referencial Gaúcho nas escolas, para você, a abordagem destes assuntos (sexualidade, questões de gênero e feminismo) sofreu alguma modificação/alteração? Qual (is)?
- 7- Você acredita que a educação pode influenciar na percepção de gênero e sexualidade das novas gerações? Por quê?
- 8- Para você, o quanto o contexto social (religião, econômica) dos alunos pode interferir na discussão da temática (Gênero, sexualidade e feminismo)?

O professor escolhido se chama André, e é biólogo formado pelo IFFar em 2022, com pós-graduações em microbiologia, metodologia e educação. Ele leciona no Colégio Nossa Senhora das Graças (Coeduc) desde 2021, tendo iniciado sua carreira como professor ainda durante o estágio. Seu ingresso na educação ocorreu por convite da escola, que reconheceu sua aptidão para o ensino.

Em relação à abordagem de gênero, sexualidade e feminismo, o professor trabalha essas temáticas de forma sutil, principalmente focando no respeito e na humanização. Ele entende que os alunos do ensino fundamental já possuem noções básicas sobre identidade de gênero e orientação sexual, mas ainda não internalizaram completamente essas questões. Por isso, sua abordagem busca criar um ambiente de acolhimento e respeito.

No Dia Internacional da Mulher, ele promove palestras sobre cientistas mulheres para destacar suas contribuições. Apesar de nunca ter enfrentado resistência significativa, reconhece que, como homem heterossexual, seu local de fala tende a ser mais respeitado do que o de colegas mulheres. Quando há provocações entre alunos com base em orientação sexual, ele as transforma em momentos educativos, promovendo reflexões sobre respeito e empatia.

O professor acredita que a introdução desses temas no currículo escolar deveria ser feita de forma gradual e cuidadosa, evitando confrontos diretos com crenças familiares. Para ele, a BNCC e o Referencial Curricular Gaúcho não trouxeram avanços significativos na abordagem dessas temáticas, pois o currículo ainda prioriza aulas conteudistas e técnicas.

Ele enfatiza que a escola deve focar no ensino do respeito, mais do que na orientação sobre identidade de gênero e sexualidade. Seu objetivo principal como educador é formar alunos preparados para a vida, incentivando a resolução de problemas e a convivência harmoniosa entre diferentes perspectivas e experiências.

Após a entrevista foi feita uma análise minuciosa das respostas do professor quanto as questões propostas a ele, refletimos sobre os diversos aspectos abordados e os insights obtidos durante a realização da pesquisa, ficou claro que o professor soube transmitir seu conhecimento de forma clara e envolvente. A conversa, que durou cerca de 30 minutos, trouxe um conteúdo rico e profundo sobre suas experiências e perspectivas, muitas das quais ressoam com nossas próprias ideias.

A partir da entrevista realizada com o professor observamos que ele aborda temas relacionados a gênero, sexualidade e feminismo de maneira sutil, enfatizando o respeito e a humanização. Ele reconhece que os alunos possuem noções básicas sobre identidade de



gênero e orientação sexual, mas ainda não as internalizaram completamente. Além disso, destaca a importância de introduzir esses temas gradualmente no currículo escolar, evitando confrontos diretos com crenças familiares.

Com base nessas observações, planejamos uma intervenção educativa que visa aprofundar a compreensão dos alunos sobre diversidade de gênero e sexualidade, utilizando uma abordagem lúdica e interativa. Optamos por empregar a dinâmica “Passa ou Repassa”, adaptada para abordar essas temáticas de forma envolvente.

Explicação do funcionamento da atividade:

A dinâmica “Passa ou Repassa” foi aplicada em sala de aula, promovendo uma participação ativa dos alunos. A turma foi dividida em dois grupos. Explicamos as regras, em resumo, um aluno de cada grupo escolheria uma pergunta secreta na “urna”, perguntas como:

- O que significa a palavra gênero?
- O que quer dizer respeitar a diversidade quando falamos sobre gênero e sexualidade?
- Você já ouviu falar no termo estereótipo de gênero?
- Pode dar um exemplo?
- Como podemos combater o preconceito contra pessoas que expressam sua identidade de gênero de forma diferente do que a sociedade espera?

Cada grupo recebeu uma pergunta e teve a oportunidade de respondê-la. Caso não soubessem ou preferissem não responder, podiam “passar” a pergunta para outro grupo. Se este também não soubesse, a pergunta retornava ao grupo original, que então deveria “repassar” para nós, mediadores da atividade.

O momento mais enriquecedor ocorreu após cada resposta, mesmo que os alunos tivessem vergonha de responder as perguntas de início, quando abrimos espaço para discussão, os mesmo se sentiram confortáveis para expressar suas opiniões e esclarecer dúvidas, promovendo um debate respeitoso e reflexivo sobre os temas abordados. Durante as discussões, percebemos o envolvimento da turma e o interesse genuíno em compreender melhor as questões relacionadas à diversidade de gênero e sexualidade. Muitas vezes inclusive sendo de difícil controle, no entanto, o uso de uma boa linguagem corporal e pedidos de silêncio em tons bem humorados foram o suficiente para que os ânimos fossem acalmados e que então pudessemos prosseguir com a atividade, que se desenvolveu de forma exemplar.

REFERENCIAL TEÓRICO

A educação tem um papel fundamental na formação de uma sociedade mais justa e equitativa. No contexto escolar, a abordagem de gênero, sexualidade e feminismo tem sido alvo de discussões sobre sua relevância para a construção de uma sociedade mais inclusiva. Conforme argumenta Louro (1997), a escola é um espaço privilegiado para a desconstrução de estereótipos e para a formação de sujeitos críticos em relação às normas sociais que perpetuam desigualdades.



Historicamente, a discussão sobre gênero e sexualidade na educação tem sido permeada por desafios estruturais e ideológicos. Scott (1986) destaca que o conceito de gênero é uma construção social que define e regula comportamentos e papéis sociais atribuídos a homens e mulheres. Assim, quando essas questões são trazidas para o ambiente escolar, desafiam padrões culturais enraizados e promovem um diálogo sobre identidade e diversidade.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Referencial Curricular Gaúcho (RCG) são documentos normativos que estabelecem diretrizes para a educação básica no Brasil, mas apresentam limitações na abordagem de gênero, sexualidade e feminismo. Estudos apontam que esses temas aparecem de forma superficial nos currículos escolares, dificultando a inserção de discussões mais aprofundadas. Leite e Meirelles (2021) ressaltam que a falta de diretrizes claras sobre o feminismo e a equidade de gênero nas disciplinas de Ciências da Natureza cria obstáculos para docentes que desejam trabalhar essas questões em sala de aula.

O feminismo, enquanto movimento social e acadêmico tem como um de seus objetivos principais desconstruir a naturalização das desigualdades de gênero e promover a equidade de direitos. Beauvoir (1949) foi pioneira ao discutir como as mulheres foram historicamente reduzidas à categoria de "outras" e como essa opressão se reflete na educação e na formação das subjetividades. O feminismo interseccional, proposto por Crenshaw (1989), amplia essa discussão ao considerar que a opressão de gênero se cruza com outras formas de discriminação, como racismo e classismo.

A pesquisa realizada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha (IFFar) - Campus São Vicente do Sul teve como objetivo compreender como docentes abordam questões de gênero, sexualidade e feminismo no ensino fundamental. Durante a entrevista com um professor de Ciências, observou-se que a abordagem dessas temáticas ainda enfrenta resistências dentro do ambiente escolar, tanto por parte da comunidade quanto dos próprios professores, que relatam receios de represálias.

A inserção da cultura pop como ferramenta pedagógica para discutir gênero e sexualidade surge como uma estratégia inovadora para engajar os alunos e facilitar a compreensão desses temas. Hooks (1994) enfatiza a necessidade de uma educação crítica e libertadora, que dialogue com as experiências dos estudantes e promova reflexões sobre a realidade social. O uso de filmes, séries e mídias digitais pode auxiliar no processo de ensino, tornando o aprendizado mais significativo e conectado às vivências dos alunos.

Em suma, a educação sobre gênero, sexualidade e feminismo é essencial para a formação de cidadãos mais conscientes e engajados na luta por uma sociedade mais igualitária. No entanto, para que essas discussões sejam efetivamente incorporadas ao contexto escolar, é necessário um esforço conjunto de formação docente, apoio institucional e revisão curricular, de modo a garantir um ensino mais inclusivo e transformador.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados obtidos na entrevista com o professor André e na proposta de intervenção revela insights importantes sobre o contexto educacional relacionado a gênero, sexualidade e feminismo. Durante a dinâmica "Passa ou Repassa", os alunos demonstraram grande interesse e participaram ativamente de todas as atividades propostas. A interação foi marcada por um alto nível de curiosidade, com os alunos questionando e debatendo sobre os temas abordados, o que refletiu a urgência de se discutir esses tópicos de maneira aberta nas escolas. Esse comportamento dos alunos, especialmente nas discussões em grupo, destacou o crescente desejo por uma educação mais informada e sem tabus sobre questões de gênero e sexualidade.

Também foi proveitoso adquirir novos conhecimentos de um profissional tão qualificado e empenhado com o dever da educação quanto o professor André, foi de grande valia tal experiência, assim como também serviu como método de validação para nós mesmos, pois, como dito anteriormente, as ideias advindas com o professor, também nos são convenientes, o que nos fez seguirmos com mais afinco em nosso projeto.

Desde que começamos a estudar Biologia, sempre acreditamos que a escola deveria ser um espaço de aprendizado não apenas sobre conteúdos científicos, mas também sobre respeito, diversidade e inclusão. Defendemos que discutir gênero e sexualidade no contexto escolar é essencial para a construção de uma sociedade mais justa, apesar de tais temas serem comuns na nossa escola (Instituto Federal Farroupilha Campus São Vicente do Sul), muitas vezes, ao conversamos com alunos de outras escolas e até mesmo com profissionais das mesmas sentimos que esses temas são tratados como tabu em uma quantidade esmagadora de casos recorrentes.

Por isso, quando tivemos a oportunidade de conversar com um professor que já trabalha essas temáticas em sala de aula, ficamos surpresos e, ao mesmo tempo, aliviados. Ele nos mostrou que é possível abordar essas questões de forma sutil, sem impor conceitos, mas promovendo o respeito e a humanização. Ele entende que os alunos do ensino fundamental já possuem noções sobre identidade de gênero e orientação sexual, mas que ainda estão em processo de internalização desses temas. Seu papel, então, é criar um ambiente seguro, onde todos se sintam acolhidos para aprender e refletir.

O reconhecimento desse professor nos deu ainda mais confiança para seguir com nossos ideais. Saber que há profissionais comprometidos com essa abordagem nos mostra que estamos no caminho certo. Agora, mais do que nunca, queremos aprofundar nossos estudos e contribuir para que a educação seja, de fato, um espaço de transformação social.

Agora falando sobre nossa intervenção, a interação entre alunos e professores foi pautada pelo respeito mútuo, o que é essencial para criar um ambiente seguro e inclusivo, como evidenciado pela boa educação que os alunos mantiveram durante as interações, tanto com o professor quanto entre si. O comportamento colaborativo observado na dinâmica mostra que, quando o espaço educacional é bem estruturado, os estudantes conseguem se engajar positivamente e expressar suas ideias de forma respeitosa e construtiva.



A atividade dinâmica e criativa "Passa ou Repassa", foi eficaz em permitir que os alunos se expressassem autenticamente sobre seu conhecimento quanto a identidade de gênero e refletissem sobre os mitos e estereótipos que cercam a sexualidade. Ao integrar conceitos de forma divertida, a atividade não só ajudou na compreensão dos temas como também contribuiu para a construção de empatia entre os participantes, possibilitando uma abordagem mais prática e vivencial sobre esses conceitos.

Contudo, apesar dos resultados positivos, a dinâmica revelou aspectos a serem melhorados. A agitação observada nas transições entre atividades exigiu uma atenção maior na gestão do tempo e foco. A energia dos alunos, embora natural e até benéfica em certos momentos, demandou ajustes para garantir que a participação permanecesse focada nos objetivos da aula sem comprometer o entusiasmo dos participantes. Estratégias para manter a disciplina durante os jogos e atividades práticas, como pausas estratégicas, podem ser adotadas para ajudar a regular a energia e assegurar uma transição mais fluida entre as etapas da aula.

A integração de temas sobre gênero, sexualidade e feminismo no contexto escolar é de extrema importância para a formação de cidadãos críticos e conscientes, como sugerido por Butler (1990), que discute as normas de gênero e a necessidade de desconstruí-las. A intervenção "Passa ou Repassa Criativo" demonstrou ser eficaz ao criar um ambiente seguro e dinâmico, permitindo que os alunos explorassem sua identidade de gênero de forma autêntica e refletissem sobre os mitos e estereótipos em relação à sexualidade. Essa abordagem está em consonância com a teoria de Freire (1996), que propõe a educação como um ato dialógico e emancipador, onde os estudantes são sujeitos do processo de aprendizagem, tornando-se protagonistas de sua própria formação.

A disposição dos alunos para discutir esses temas sensíveis reforça a crescente demanda por uma educação que vá além dos paradigmas tradicionais, como enfatizado por autores contemporâneos sobre a educação inclusiva e a promoção da diversidade sexual (SILVA, 2017). A participação ativa e engajada dos alunos é um reflexo da necessidade urgente de se discutir esses tópicos de maneira contínua e estruturada nas escolas, como forma de promover uma cultura mais inclusiva e consciente. Além disso, a dinâmica utilizada na intervenção, com metodologias participativas, reforçou a eficácia de práticas pedagógicas que envolvem ativamente os alunos no processo de aprendizagem, contrastando com abordagens tradicionais e unidimensionais, que não favorecem a reflexão crítica.

Por fim, a necessidade de reforçar a disciplina e controlar a agitação durante as atividades práticas e jogos aponta para a importância de se adotar práticas pedagógicas que aliem liberdade de expressão à gestão eficiente da sala de aula. Isso pode ser complementado por estudos de gestão da classe (MACHADO, 2020), que fornecem estratégias para equilibrar o entusiasmo dos alunos com o foco nas atividades propostas. Em síntese, a intervenção foi bem-sucedida em promover a reflexão crítica e a desconstrução de estereótipos sobre gênero e sexualidade, alinhando-se aos princípios de uma educação transformadora e inclusiva, conforme os ideais de justiça social e equidade defendida por diversos teóricos e praticantes da educação crítica.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais deste trabalho reforçam a importância da abordagem de gênero, sexualidade e feminismo dentro do ambiente escolar, evidenciando como essas temáticas, quando tratadas de maneira divertida e interativa, podem contribuir significativamente para a construção de um ambiente educacional mais inclusivo e respeitoso. Através da entrevista com o professor e da intervenção realizada com os alunos do Ensino Fundamental, foi possível perceber tanto os desafios quanto as oportunidades que permeiam a inserção dessas discussões no cotidiano escolar.

A experiência da intervenção revelou o grande interesse dos alunos pelo tema e a necessidade de espaços para o diálogo sobre questões de identidade e diversidade. A metodologia utilizada, baseada em dinâmicas participativas como o “Passa ou Repassa”, que nada mais é do que um jogo de perguntas convenientes para o tema abordado, tal dinâmica demonstrou-se eficaz para engajar os estudantes e estimular reflexões críticas, reforçando a importância de novas estratégias pedagógicas para abordar temas sensíveis de forma divertida significativa.

Apesar dos desafios observados, como a necessidade de melhor gestão do tempo e da disciplina durante as atividades, os resultados indicam que iniciativas como essa são benéficas para promover o respeito às diferenças e combater preconceitos dentro da escola. A resistência ainda existente à abordagem desses temas reforça a necessidade de uma formação continuada para os docentes, que os capacite para lidar com questões de gênero e sexualidade de forma segura e fundamentada.

Concluimos, portanto, que a educação deve desempenhar um papel ativo na desconstrução de estereótipos e na promoção de empatia, preparando os alunos para uma sociedade mais justa e pluralizada. Para isso, é fundamental a criação e aplicação de políticas educacionais que incentivem a inclusão desses temas nos currículos escolares de maneira estruturada e permanente, garantindo que o respeito à diversidade seja um valor central no processo de ensino e aprendizagem.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de expressar nossa mais profunda gratidão à nossa professora Eliziane, que esteve ao nosso lado em cada etapa dessa jornada. Seu apoio incondicional, sua orientação precisa e seu incentivo constante foram fundamentais para o nosso crescimento. Mais do que uma educadora, ela foi uma mentora que nos inspirou a acreditar no nosso potencial e a seguir em frente com nossos ideais. Sua dedicação e paixão pelo ensino fizeram toda a diferença em nossa trajetória, e somos imensamente gratos por cada ensinamento compartilhado.

Nosso reconhecimento se estende também ao transporte do IFFar, que garantiu nossa locomoção e permitiu que vivêssemos essa experiência com tranquilidade e segurança. Sem essa estrutura, nosso percurso teria sido muito mais desafiador. Ter a certeza de que poderíamos contar com esse suporte nos deu ainda mais motivação para nos dedicarmos plenamente à nossa caminhada



E, por fim, não poderíamos deixar de agradecer aos nossos colegas, que estiveram ao nosso lado compartilhando conhecimento, experiências e momentos inesquecíveis. O apoio mútuo, as trocas enriquecedoras e o sentimento de união tornaram essa jornada ainda mais especial. Aprendemos juntos, crescemos juntos e construímos memórias que levaremos para sempre.

A todos que, de alguma forma, fizeram parte dessa caminhada, nosso mais sincero agradecimento. Foi uma experiência transformadora, e cada pessoa envolvida contribuiu para que ela fosse ainda mais significativa. Levamos conosco não apenas o aprendizado acadêmico, mas também a certeza de que, com apoio e colaboração, podemos construir um futuro melhor.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949.

BUTLER, Judith. *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge, 1990.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. *The University of Chicago Legal Forum*, v. 1989, p. 139-167, 1989.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

HOOKS, bell. *Teaching to transgress: education as the practice of freedom*. New York: Routledge, 1994.

LEITE, A. P.; MEIRELLES, D. P. *Desafios do feminismo no currículo escolar: uma abordagem crítica*. São Paulo: Cortez, 2021.

LOURO, Maria da Conceição. *A escola como espaço de transformação: reflexões sobre a formação de sujeitos críticos*. São Paulo: Cortez, 1997.

MACHADO, João. *Gestão da sala de aula: estratégias para o ensino inclusivo*. São Paulo: Moderna, 2020.

SCOTT, Joan W. Gender: a useful category of historical analysis. *The American Historical Review*, v. 91, n. 5, p. 1053-1075, Dec. 1986.

SILVA, Maria da Conceição. *Educação e diversidade: desafios e perspectivas*. São Paulo: Cortez, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular – BNCC*. Brasília, DF: MEC, 2017.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Educação. *Referencial Curricular Gaúcho – RCG*. Porto Alegre: SEED, 2011.

